

1135-370  
136  
Francisco das Chagas Baptista



As victimas da crise

CONTINUAÇÃO DA  
Historia de Antonio Silvino

Preço 200 rs.



IMPRENSA INDUSTRIAL—RECIFE

## As victimas da crise

---

O povo anda affectado  
De tísica de algibeira ;  
Desse mal contagioso  
Que se chama quebradeira ;  
Peste terrivel que afflige  
A humanidade inteira !

O tempo do bem  
Já passou p'ra os povos,  
Quando quatro ovos  
Custavam um vintem ;  
Neste tempo quem  
Em crise fallava ?  
Quem é que pensava  
Que houvesse pobreza ?  
Com uma vella acceza  
Ninguem a encontrava.

N'este tempo se arrancava,  
Botijas pelo monturo !  
Se achava notas de baixo,  
D'uma *flor de pé de muro*.

Até cego e aleijado  
Davam dinheiro a juro !

Findou-se a fartura  
E a crise chegou,  
Dizendo :—Aqui estou,  
Se alguém me procura :  
Sou mãe da amargura,  
Irmã da desgraça ;  
Toda minha raça  
Vem junto commigo :  
A quem eu persigo  
O meu povo abraça !...

Quando a crise chegou,  
Do pobre bateu á porta ;  
Quando o rico soube disso  
—Commigo ella não se importa,  
Porque eu sou capitalista,  
Tenho dinheiro que aborta !

Mas o Omnipotente  
Quando mandou o mal,  
Dividiu-o em geral,  
Para toda a gente,  
Por isso a semente  
Da crise voou,  
E então se espalhou  
Pelo povo inteiro ;  
Nunca mais dinheiro  
Ninguem o juntou !

Fazia pena se ouvir  
As queixas de um quebrado ;  
Dizia elle :—Meu Deus !  
Tenho sido castigado :  
Hontem eu era tão rico,  
Hoje estou tão atrasado...

O povo em cõro,  
Fazendo harmonia  
Chorava e dizia :  
—Lá se foi meu ouro ;  
Meu rico thesouro,  
Quem foi que o vio?...  
Tudo se extinguiu !  
A sorte assim quiz ;  
Que mão infeliz  
A que me feriu !...

O pobre fazia queixa  
Ao sachristão da egreja,  
Dizendo :—Eu ganhava tanto  
Que a todos fazia inveja,  
Mas o diabo do governo,  
Deixou-me no ora-veja.

O regulamento  
Do nosso paiz,  
Admitte um juiz,  
Fazer casamento ;  
Um baptisamento

Na igreja eu não faço !  
Atiro meu laço  
E não pego ninguém...  
Não tenho um vintem ;  
Estou marcando passo !...

O negociante em grosso,  
Dizia para o caixeiro :  
Os meus freguezes do matto  
Comeram o meu dinheiro :  
Vou dar parte de quebrado,  
Que não sou pae de estradeiro.

Além do desgosto  
De ficar quebrado,  
Me vejo obrigado  
A pagar imposto !  
Procure outro encosto,  
Vá se retirando...  
(Elle assim fallando,  
Para a porta aponta)  
E nem me peça conta,  
Que estou apitando !

Fazendo queixa á esposa,  
Diz o rico usurario :  
Mulher, vendi minhas casas,  
Não sou mais proprietario,  
Os ladrões me enganaram,  
Deixei de ser millionario.

No recolhimento  
Eu perdi cem contos,  
Devido a uns descontos  
Sem regulamento !  
Nem um pagamento,  
Faz-me o povo ingrato ;  
Não sou mais pacato,  
Que a sorte não quer ;  
Me pegue, mulher,  
Senão eu me mato !...

Dizem os agricultores :  
— Vou deixar de trabalhar,  
Legume não dá dinheiro,  
Não continuo a plantar ;  
Um cobrinho que eu tinha,  
Está perto de se acabar.

Nesta grande baixa,  
Que está o legume,  
Não ha quem se aptume,  
Tudo se relacha...  
Não ha quem na caixa,  
Junte mais dinheiro ;  
Vê-se um jornaleiro  
Pedindo soccorro,  
Honra de cachorro  
Tem hoje um brejeiro !...

Diz o credor de gado :  
Deixo de ser fazendeiro ;

Não aguento o prejuizo,  
O gado não dá dinheiro ;  
E de cada vez que crio  
O governo é meu meieiro !

Se nasce um bezerro  
Chega um cobrador  
E diz-me : O senhor  
Deixe de imperto :  
Não sabe que é erro  
Deixar de pagar ?  
E se você matar  
Um boi p'ra vender,  
Sem a mim dever  
Tem meio a me dar.

São estas as condições  
Em que estamos, senhores,  
Crise por todos os lados,  
P'ra toda banda clamores ;  
Hoje só juntam dinheiro  
De imposto os cobradôres !

A dona Derrota  
E o capitão Lizo  
Sem nos dar avizo,  
Nos tomaram a porta ;  
Um no bolço corta,  
Por fóra outro fura...  
Ebria de loucura,  
Nos diz a Esperança :

—Tomarás vingança  
Quando houver fartura.

E assim a humanidade,  
Morre de velha esperando...  
Vamos de mal a pior!  
A crise sempre aumentando...  
Nosso Senhor—o governo—  
Novos impostos criando.

E essa cantiga  
Que a perua canta,  
Já não nos espanta ;  
Ninguém dá-lhe figa !  
Hoje é nossa amiga,  
Dona Quebradeira ;  
E' bôa companheira,  
Maria Quilangue ;  
E ninguém de zangue  
Que faz uma asneira !

Quem disser : não pago imposto !  
Com o governo está pegado ;  
Irá-parar na cadeia,  
Onde será processado ;  
Perde o direito a seus bens,  
Fica para sempre arrasado !

Se um pobre louco  
Cae nessa armadilha,  
Fica na forquilha

E com o carro no touco...  
Chora, fica rouco  
De pedir justiça,  
E a sua doudiça  
Será bem punida;  
Não dá sua vida  
Nem por *meia missa!*

Eis ahí as condições  
A que estamos reduzidos;  
Pezam tantos os impostos,  
Que vivemos opprimidos,  
Se não fizerem uma grève  
Estamos todos perdidos.

Se eu adivinhasse  
Que vinha a soffrer,  
Fazia uma grève  
Para não nascer,  
Só para essas cousas  
No mundo não ver.

---

## Historia de Antonio Silvino

(Continuação)

Estando eu fóra do cerco  
Dei inda um tiro, que sinto  
Ter elle matado apenas  
O alferes Paulino Pinto ;  
Atirei nos dois, porér  
Um estava pouco distincto.

No tiroteio os soldados  
Seis cangaceiros mataram  
E pegaram nove ás mãos  
Que tambem assassinaram  
Como se sangra animaes  
Elles aos homens sangraram !!

Os que puderam fugir,  
Desembestaram a correr  
Dizendo:—O diado é quem espera,  
Para sangrado morrer!...  
Cada qual mais precavido  
Procurava se esconder.

O sargento José Lopes,  
Vendo o alferes baleado,  
Mandou sangrar aos presos,  
Obedeceu-o um soldado ;

Não matei-o porque o rifle  
Estava descarregado.

Vi matarem todos nove,  
De um a um, por escala,  
Matarem todos a faca,  
Não quizeram usar bala;  
Somente Antonio Francisco,  
Morreu sem peider a falla !...

Fugi do Surtão ; no estado  
De Pernambuco encontrei  
A um dos meus inimigos,  
Ao qual eu não perdoei.  
Era o Sebastião Correia,  
Este com um tiro matei.

Em a fazenda de Pedreiras,  
Districto de Caicó,  
Estado do Rio Grande,  
Eu quasi que fico só !  
Lá eu me vi apertado  
Qual moleque no cipó

O tenente Tolentino,  
Nesta fazenda cercou-me  
Com uma força de policia  
Que, peito a peito, atacou me !  
Nós trocámos muitas balas  
E elle não amarrou-me.

Logo com o primeiro tiro,  
Dois sargentos derrubei,  
Com uma bala certa  
Ambos d'uma vez matei !  
Depois de dar outros tiros,  
Fora do cerco pulei.

D'esta vez o Tolentino  
Matou-me seis cangaceiros,  
D'entre estes um menino  
Que era dos meus companheiros.  
O que tinha mais coragem ;  
Seus tiros eram certos.

Tolentino perseguio-me,  
Porém eu pude fugir  
P'ra o estado do Ceará,  
Onde pude residir  
Alguns mezes sem a policia  
Onde eu estava descobrit.

No Crato do Ceará,  
Tres companheiros deixaram  
De me acompanharem, então  
Na policia se enganjaram;  
Não sei se inda são vivos,  
Que eu voltei e elles ficaram

Em nove centos e um,  
Ao Ceará eu regressei,

Nos estados—Parahyba  
E Pernambuco fiquei  
Residindo e acredito  
Que n'um d'estes morrerei...

Eu não quiz mais que em meu grupo  
Entrasse gente safada ;  
Escolhi p'ra companheiros  
Rio Preto e Cocada,  
Relampago e Barra Nova  
—Homens de bala e espada.

Em novecentos e dois,  
Eu pelo Ingá passando,  
Encontrei um enxerido  
Que andava denunciando  
De mim e meus companheiros,  
Sem mais nada o fui matando.

A quinze de Fevereiro  
De novecentos e tres,  
Em Figueira—Pernambuco,  
Vi pela primeira vez  
A um meu perseguidor  
E matei-o com rapidez !

Esse meu perseguidor  
Era o subdelegado  
Francisco Antonio Cabral.  
Este homem precipitado,

Vivia me perseguindo,  
Mas d'elle estou descançado.

Matei Marcos dos Pinhões,  
No mesmo anno, não estou  
Lembrado agora em que mez ;  
Elle de mim denunciou,  
Por isto tirei-lhe a vida,  
Isto a mim pouco custou !

Estava eu em Nazareth  
(De Pernambuco no Estado)  
Escondido n'um engenho,  
Sem esperar fui cercado ;  
Fugi do cerco e corri  
Pelos meus acompanhado.

Dividiu-se em dois o grupo  
Que até então me seguia ;  
O meu amigo Cocada  
D'um assumio a chefia...  
Fiquei só com dois Arrois,  
Tempestade e Ventania..

Acompanhavam Cocada,  
Rio Preto e Nevoeiro,  
Barra Nova e Relampago,  
—Cabra disposto e ligeiro ;  
Em meu grupo entrou depois  
Balisa um bom cangaceiro

Em Aroeiras matei  
Um pombeiro de primeira,  
—Era um tal de Severino—  
Que servia de chalsira :  
Fez uma vez a policia  
Dar-me uma boa carreira !

Em novecentos e quatro  
Eu no Mogeiro estava  
O ex-sargento Manoel Paz,  
Nessa occasião passava,  
Fiz a elle, o que a mim  
Elle fazer desejava.

Esse tal Manoel da Paz,  
No tempo que era soldado,  
Emboscou-me muitas vezes,  
Fez-me andar assustado,  
Porém eu com um só tiro,  
Matei-o e fiquei vingado.

Em outubro do mesmo anno,  
Fui dos meus acompanhado  
Para a Villa do Pilar,  
Estava lá encarcerado  
Um meu amigo, e soltal-o  
Fui em trajo de soldado.

Quando cheguei no Pilar,  
Do quartel me apossei ;  
Da munição dos soldados

Tambem me apoderei ;  
E as chaves da cadeia  
Do carcereiro tomei.

Soltei em seguida os presos  
E preendi aos soldados  
Que encontrei no lugar.  
Deixei-os encarcerados ;  
Como elles não se oppuzeram  
Eu deixei-os inteirados.

Com os soldados na cadeia  
Deixei tambem o carcereiro,  
Dirigi-me ao delegado,  
Este deu-me algum dinheiro ;  
Não deixou de imital-o  
Um distincto cavalheiro.

Quando sahi do Pilar  
Para o Ceará subi,  
Então no Cariry Novo  
Alguns mezes residi...  
Senti que me perseguiam  
Sem perder tempo fugi.

Com destino a Pernambuco,  
Do Ceará regressei,  
De volta, no municipio  
Do Piancó eu passei  
E na povoação—Benito  
N'uma casa me hospedei.

De offender aos moradores  
Eu não tinha intenção,  
Mesmo eu não tinha intrigas  
Naquella povoação,  
Mas nada d'isto livrou-me  
D'ume grande traição.

Juntou o subdelegado,  
Alguns homens, no lugar  
Moradores, com elles  
Veio então me cercar,  
Elle estava preparado  
Para a vida me tirar.

N'outro folheto descrevo,  
Uma lucta muito feia  
Que tive no Trapiá  
Com um inspector d'aldeia  
E o cerco dos Tatús,  
Pelo Capitão Gouveia.

*(Continúa no folheto «As Manhas  
d'um Feiticeiro»).*